

## ESTRATÉGIAS DISCURSIVAS REVELADORAS DE UM CORPO COMUM A EXPLORAR NO ENSINO DE LINGUAS FUNCIONAIS

MARIA HELENA SAIANDA \*

O ensino de uma língua funcional tem a particularidade de se assemelhar ao movimento das marés, como afirma Jean-Marc Hilgert - "há sempre um recomeço". Os alunos variam, os conteúdos nunca são os mesmos e os professores modificam-se em função das outras variantes.

A necessidade de adaptar o ensino da língua aos alunos, às suas necessidades, às suas atitudes e às suas motivações, inscreve-se numa perspectiva de renovação metodológica cuja característica essencial é a centração no "enseigné" e o consequente e progressivo desenvolvimento da sua autonomia.

Pretende-se fazer implicar directamente este "público específico" na sua própria aprendizagem, na elaboração dos seus próprios programas e muitas vezes também na selecção dos documentos a utilizar, que deverão sempre estar em estreita correlação com o domínio científico que os próprios alunos representam e com o processo de aprendizagem adequado à situação.

A língua estrangeira, enquanto instrumento que possibilita o acesso a novos conhecimentos, pode ser considerada como "equipamento socio-intelectual" que conduzirá à apreensão de um saber que ela própria veicula e a que dá forma.

Efectivamente, sendo toda a ciência uma língua, porque é discurso sobre os fenómenos que pretende explicar, e porque,

para se exprimir e divulgar, passa pela língua dos que a praticam, a aprendizagem de qualquer conteúdo científico opera-se por seu intermédio e é, por ela, influenciada.

Não há ciência sem língua, no dizer de Wittgenstein - "C'est par la langue que s'élabore la science et celle-ci, à son tour, au fur et à mesure de sa constitution, s'organise comme un langage. Sans langue naturelle la science serait plus claire, plus pure, moins ambiguë, mieux transmissible, mais elle n'existerait pas".

Deste modo, a primeira regra a ressaltar para um mais fácil acesso aos conhecimentos de ordem científica é o conhecimento da própria língua e o reconhecimento da maneira como a ciência age sobre ela e a usa. Problema de ordem linguística que cada língua resolve de acordo com os seus próprios meios, a sua própria especificidade e o seu passado uma vez que a vertente científica se inclui, de pleno direito, na dimensão cultural de que a língua é testemunho e que deixa transparecer. A sua lógica de construção, de demonstração e de convicção, no uso que a ciência dela faz, é o objectivo da análise discursiva que propomos como ponto de partida para a constituição de um TRONCO COMUM sobre o qual apoiar o ensino da língua funcional.

Importa fazer ressaltar que a aprendizagem das línguas de especialidade não

\* Assistente convidada da Universidade de Évora

é, de modo algum, uma aprendizagem especial. A sua especificidade decorre do facto de que deve dar resposta a necessidades reais em função das quais é possível estabelecer objectivos bem definidos, tendo sempre presente que o aluno poderá ser principiante em língua estrangeira mas não o é, seguramente, em relação à ciência, cujo estudo iniciou em língua materna.

Estes dois níveis de competência, a saber, o domínio científico e todo um saber acumulado na sua língua de origem, terão importância no processo de aprendizagem de uma nova língua, de uma língua estrangeira para fins funcionais.

Não será certamente difícil a um aluno, nestas circunstâncias, usar a sua própria experiência para, tentando mobilizá-la, fazer transposições, formular hipóteses (de ordem semântica e morfosintáctica) que lhe permitam uma mais fácil e rápida compreensão dos textos propostos.

A dupla competência que acabamos de referir constitui um dos elementos do tronco comum que pretendemos estabelecer como ponto de passagem entre as línguas em questão.

Para além dela, entre o Português e o Francês existe também um largo "espaço" a explorar com vista ao desenvolvimento da compreensão e à passagem do discurso científico em língua materna ao seu equivalente em francês, língua estrangeira.

O léxico, sobretudo o que está directamente relacionado com a ciência, é, em grande parte, transparente. As estruturas morfosintácticas aparentam-se. Um "tronco comum" entre as duas existe, portanto, e funciona, favorecendo uma aprendizagem adulta.

Consideremos, todavia, a noção de "tronco comum" na primeira acepção que lhe demos, como resultado da análise do discurso, dos discursos das várias ciências. Tal análise tem como objectivo essencial fazer ressaltar o funcionamento dos textos de especialidade, a sua macro-estrutura e também as estruturas morfosintácticas mais frequentes, de molde a propor modelos linguísticos de organização discursiva independentemente do conteúdo neles expresso.

A importância do estudo sistemático de léxico neste tipo de abordagem, que privilegia a situação de produção do discurso, é relativamente reduzida. Mas não deixa de ser pertinente, apesar disso, referir que estudos feitos em França, com base em processos de análise frequencial, aplicados a domínios científicos, levaram à determinação de um conjunto de termos comuns a todas as disciplinas, que, por esse facto, as unificam fornecendo-lhes uma "base comum".

Apesar da quase irrelevância do seu estudo, não deixam, todavia, de fazer prova, neste campo, da existência de um "corpo", parte integrante do tronco que nos propusemos analisar.

Mas... parte largamente insuficiente como tivemos ocasião de constatar quando, numa mesma sala e para uma aula conjunta se reuniram alunos de cursos diferentes, de formação diversa e cujos interesses não eram, obviamente, coincidentes.

Um outro caminho se impunha! O vocabulário científico existia, era mais ou menos transparente e também mais ou menos comum mas a ligação que se pretendia entre os vários domínios científicos não era propriamente uma evidência. E, contudo, impunha-se a instauração de uma prática pedagógica, que se adivinhava condenada ao fracasso. Tornou-se, pois, urgente encontrar um elo entre os vários ramos da ciência representados pelos estudantes, de maneira a estabelecer um "tronco" sobre o qual construir todo um processo de ensino/aprendizagem que se impusesse pela sua utilidade futura e que unisse as pessoas num projecto comum.

Partimos, pois, do princípio que por detrás da elaboração de um texto existe sempre uma intenção e que qualquer texto é o produto de uma actividade discursiva subjacente.

Daí que o texto tenha sido tomado como o resultado de um certo número de operações e estratégias discursivas cujo objectivo é "agir sobre", "fazer partilhar por outrém" e, eventualmente, "influenciar", seguindo o caminho aberto por linguistas como Benveniste et Culicli.

Tornou-se claro que a situação de comunicação de que o documento escrito utilizado era testemunho dependia de um conjunto de componentes não redutíveis a um simples inventário lexical. A hipótese de uma língua homogênea para um sector específico caiu por terra. A organização do discurso em formas variadas de estruturação constante tornou-se evidente após o levantamento das marcas linguísticas decorrentes da actividade discursiva. Da sua análise surgiram as regularidades desejadas!

A identificação das operações enunciativas por elas realizadas em superfície conduziu à constatação da existência de "características discursivas" comuns a documentos com referentes diversos porque inseridos em contextos específicos variados.

O tronco comum tinha sido encontrado! A análise dos discursos das várias ciências, confirmando existirem relações entre as operações efectuadas pelos sujeitos enunciadore e as expressões/marcas linguísticas por eles usadas, permitiu pôr em prática uma abordagem centrada na organização do discurso, ela própria estruturada pelas operações intelectuais comuns a numerosos processos de construção e exposição do saber: definir/analisar/classificar/descrever/ilustrar.

A concretização destas operações conduziu à re-descoberta de formulações relativamente diversificadas, embora equivalentes porque dizendo respeito à mesma operação, e à determinação de desenvolvimentos discursivos organizados de acordo com esquemas retóricos identificáveis e diversificados mas não necessariamente homogêneos quanto ao conteúdo.

A título de exemplo poder-se-á indicar que a operação designada por DEFINIÇÃO, que tem como objectivo assegurar a compreensão de certos elementos do texto, intervém no discurso quando necessária (à compreensão) e pode tomar a forma de "tradução parafrástica" de um elemento cujo sentido se supõe não-conhecido ou retomar o enunciado de propriedades do termo a explicitar.

No primeiro caso, tradução parafrástica, a definição concretiza-se no dis-

curso pela inserção de uma aposição precedendo ou seguindo o termo definido, conjuntamente ou não com o uso de sinais tipográficos (vírgula, dois pontos, traços, ou pelo emprego da conjunção "ou", que permite a reformulação).

Pode também recorrer a processos lexicais e sintácticos que instaurem uma relação explícita entre o termo a definir e o termo definidor:

"designa-se por" / "on désigne par le vocable  
[de...]

"dito/a" = "dit/dite"

"é" = "est"

"tais como" = "tels que"

Esta operação não é exclusiva do discurso científico. Encontramo-la no discurso de vulgarização científica de "La Recherche", mas encontramos-a também no discurso de imprensa, tipo "Elle".

Encontramo-la sempre que se trata de um discurso de exposição (texto expositivo) cujo objectivo é a transmissão directa do saber, tal como a encontramos também no discurso das ciências exactas de que a Matemática é o exemplo mais significativo. Nele a definição ocupa um lugar central pois faz parte integrante do sistema de dedução axiomática da disciplina, concorrendo para a realização, no discurso, da operação designada por "demonstração". O tipo de texto continua a ser expositivo.

Poder-se-á citar ainda como exemplo, o caso da operação designada por DESCRIÇÃO.

Limitar-nos-emos, porém, a assinalar que, à semelhança da anterior, também esta se encontra em quadros discursivos diferentes e muito variados. Descreve-se, por exemplo, uma máquina (ficha técnica), descreve-se um gráfico, "traduzindo-o em palavras", encontra-se descrição, directamente associada às operações de análise e de interpretação, no caso de dados resultantes de inquéritos, descreve-se uma experiência e há ainda a descrição literária.

Seria longo enumerar os processos/marcas linguísticas que a individualizam. Limitamo-nos portanto a assinalar que a nível da morfossintaxe não se afasta

significativamente da definição, apesar de decorrer de uma intenção de comunicação diferente.

O estudo das marcas enunciativas, traço da presença dos sujeitos enunciativos, através da pronominalização, ou mesmo da sua ausência (pelo apagar voluntário operado pelo uso de construções passivas nominalizações, citações explícitas) assim como o estudo do sistema temporal (em relação com a natureza do discurso, estruturando-o e eventualmente atribuindo-lhe funções precisas), e ainda o estudo das modalidades usadas (sendo a sua ausência também significativa) reveladoras da implicação do sujeito no seu próprio discurso, completam o quadro.

Efectivamente, nenhum discurso, nenhum texto, quer seja de carácter jornalístico, de carácter literário ou de carácter científico, quer tome a forma de discurso expositivo, quer a de discurso argumentativo ou ainda qualquer outra, se pode considerar isento da presença/influência do sujeito/produzidor.

As suas marcas transparecem através dos elementos usados.

A título de exemplo também citamos o caso da modalização apreciativa que toma corpo no discurso sobretudo pelo recurso a adjectivos e a advérbios. Por eles se apreendem juízos de valor que não chegaram a ser formulados como tal, e que procedem do não-dito, do implícito, criado pela presença dos elementos acima referidos. Como em todas as modalidades, também aqui a sua ausência tem significado.

O quadro do tronco comum ficaria, todavia, incompleto se não fizéssemos alusão aos factores que, assegurando a coesão do texto e a sua "progressão", contribuem para a manutenção de uma coerência sem a qual qualquer discurso se torna ininteligível, seja ele científico ou não: o sistema diafórico e o sistema de articulação.

A selecção dos textos deixou obviamente de obedecer a critérios de repartição científica e passou a ser feita em função de um trabalho de caracterização linguística que teve, pois, como finalidade, pôr em evidência não apenas as intenções de comunicação dos autores, fazendo ressaltar as operações discursivas efectuadas, mas também as marcas linguísticas que dão corpo a essas intenções.

O reconhecimento e a constatação da sua permanência em textos cuja função referencial os distanciaria à partida, permitiu um acesso mais gratificante ao conteúdo veiculado e foi factor de progresso numa aprendizagem que se fez com maior segurança e... maior naturalidade.

Por isso nos atrevemos a, com o maior respeito, contradizer alguém que um dia afirmou:

"...l'élaboration d'un tronc commun (...) ne correspond à aucune analyse sérieuse du champ à couvrir. On ne voit pas en effet ce que ce tronc peut avoir de commun; ni avec qui, et, en outre, on se demande à partir de quels critères il est possible de le définir..."